

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

ARTHUR HENRIQUE SCHIOCHET

**CURITIBA - A CAPITAL DA LUTA
CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS ARTES MARCIAIS MISTAS**

CURITIBA
2017

ARTHUR HENRIQUE SCHIOCHET

**CURITIBA - A CAPITAL DA LUTA
CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS ARTES MARCIAIS MISTAS**

Trabalho acadêmico apresentado como requisito parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Trabalho orientado pelo professor doutor Elson Faxina

**CURITIBA
2017**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi uma grande experiência que me proporcionou a oportunidade de unir algumas das minhas maiores paixões. Esportes, cinema e conhecer pessoas.

Agradeço primeiramente aos meus pais que me apoiaram na escolha por Jornalismo e aguentaram esse tempo de TCC.

À minha irmã, que me ajudou nas partes mais braçais deste trabalho e se empolgava com cada avanço dessa produção. Foi o McLanche Feliz mais bem gasto da minha vida.

Aos amigos que me ajudaram nos quatro anos de faculdade, na delimitação do tema, na produção e na finalização. Principalmente um agradecimento aos que estão no famigerado grupo ou que escutam minhas besteiras. Principalmente em momentos dos quais eu estava precisando de um rumo ou alguém para reclamar junto. Cito apenas alguns dos quais tive mais afeto, mas muitos nomes estão de fora. Um obrigado especial para: Leticya, Moreno, Vitor, Anna, Mariana, João, João Victor, Marcelo, Bruna e Gustavo.

Aos melhores companheiros de ônibus com tripé, Vinícius “Dudu” e João Heim, que sem eles seria uma experiência de produção muito mais complicada. Também ao meu amigo Nickolas que me ajudou na arte final e Plínio que me tirou da inércia dos problemas de edição.

Aos professores, que me auxiliaram durante quatro longos anos, durante um processo de total descoberta de um mundo novo. Curitiba é realmente muito grande e cheia de histórias que precisam ser contadas.

Ao mestre Elson Faxina, que foi um dos culpados pela minha paixão por audiovisual desde o primeiro ano da faculdade.

“O mundo não é um grande arco íris, é um lugar sujo e cruel que não quer saber o quanto você é durão, vai colocar você de joelhos e você ficará de joelhos para sempre se você deixar. Você, eu, ninguém vai bater tão duro quanto a vida, mas não se trata de bater duro, se trata de quanto você aguenta apanhar e seguir em frente, o quanto você é capaz de aguentar e continuar tentando! É assim que se consegue vencer!”

ROCKY Balboa. Direção: Sylvester Stallone. Produção: Charles Winkler; David Winkler; Kevin King-Templeton; William Chartoff. Revolution Studios, 2007, DVD

Tradução Livre

RESUMO

Este trabalho acadêmico serve de base para a produção de um documentário jornalístico que tem o intuito de ilustrar a importância e a evolução do Mixed Martial Arts (MMA) na cidade de Curitiba (PR), bem como a influência que a cidade teve na consolidação e na formação de atletas que se tornaram campeões mundiais.

O trabalho acadêmico também tem a finalidade de trazer um novo retrato do esporte no Brasil, visto que em muitos veículos o MMA é identificado apenas pela Gracie no Rio de Janeiro (RJ), deixando assim a capital paranaense de fora da construção da modalidade.

Em paralelo a isso o documentário busca trazer a visão do papel da mídia no esporte, que tem papel fundamental na evolução no crescente investimento sobre a modalidade, que já passou a ter relevância nacional após a adesão das grandes empresas de comunicação, através da transmissão dos eventos e da produção de reality shows com os atletas.

Palavras-chave: MMA; Curitiba; Vale-Tudo; Esportes; Documentário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. ESPORTE E SOCIEDADE

1.1 ORIGEM E DEFINIÇÃO DE ESPORTE	7
1.2 O ESPORTE NO BRASIL	9
1.3 OS FATORES SOCIAIS DO ESPORTE	10
1.4 O MIXED MARTIAL ARTS (MMA)	11
1.4.1 Breve história da modalidade	12
1.4.2 Contexto atual	13
1.4.3 O MMA em Curitiba	14

2. JORNALISMO ESPORTIVO

2.1 DEFINIÇÃO DE JORNALISMO	15
2.2 O JORNALISMO ESPORTIVO	16

3. A NARRATIVA DOCUMENTAL

3.1 HISTÓRICO	18
3.2 DEFINIÇÃO	19
3.3 JUSTIFICATIVA	20
3.3.1 DOCUMENTÁRIO COMO PEÇA JORNALÍSTICA	
3.4 MÉTODOS	21

4. ROTEIRO

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. REFERÊNCIAS

1. ESPORTES E SOCIEDADE

1.1 ORIGEM E DEFINIÇÃO DE ESPORTE

As definições mais antigas do que é esporte vem do período grego, com forte base nas disputas dos Jogos Olímpicos. Mas, segundo Duarte (2003,p. 13), a prática possui registros anteriores à formalidade de uma disputa de jogos.

Em 1500 a.C., em Creta, praticava-se o pugilismo. Em 1300 a.C. a 800 a.C. já havia o jogo da pelota. Homero, em 1200 a.C., faz versos para retratar os Jogos Fúnebres, no Canto XXIII da Ilíada [...] Em 776 a.C. temos os Jogos Olímpicos gregos, com importância local e regional, que depois passam a ser o próprio calendário, pois eram disputados de quatro em quatro anos. As primeiras 'corridas de fundo', com 4 mil metros e 164 centímetros, são disputadas em 720 a.C. A luta e o pentatlo (corrida, disco, luta, salto em distância e dardo) estão nos Jogos de 708 a.C. Em 648 a.C. entra o pugilismo, e em 632 a.C. ocorrem as competições para juniores (16 a 18 anos) e as corridas de quadrigas (bigas).(DUARTE, 2003,p. 13)

Partindo do ponto epistemológico do termo, a derivação vem do inglês “*sport*”, que surgiu para definir os jogos e atividades esportivas da Inglaterra do século XIX. Embora os esportes tenham registros dos primórdios da Grécia antiga, a palavra foi criada para enquadrar algo reduzido ao micro cosmos dos passatempos aristocráticos britânicos. A difusão dos esportes da Inglaterra fez com que outros idiomas adaptassem o uso da palavra, como foi o caso do francês *desporte* do próprio alemão *sport*.

Para Elias e Dunning (1992), o termo esporte pode adquirir sentidos distintos em variáveis situações:

Cuando hablamos de <<deporte>>, en cambio, aún utilizamos el término indiscriminadamente, tanto en sentido lato, en el cual se refiere a los juegos y ejercicios físicos de todas las sociedades, como en sentido estricto, que entonces denota los juegos de competición en particular que, como la palabra misma, se originaron en Inglaterra y pasaron de allí a otras sociedades.(ELIAS; DUNNING, 1992, p. 161)

O esporte foi introduzido na cultura britânica através do educador e historiador inglês Thomas Arnold, que dirigiu o Colégio Rugby, na Inglaterra, no período entre 1828 e 1842 na Inglaterra, introduziu a prática esportiva da elite. O conceito funcionou e superou os limites do âmbito escolar. Arnold encontrava no esporte três pontos principais: é um jogo, é uma competição e é uma formação. Ele deixava com que seus alunos criassem as regras. Isso se espalhou e com a popularidade viu-se a necessidade de entidades para coordenar os jogos, depois disso vieram as federações e clubes. Quem se inspirou no modelo inglês foi o pai

dos Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin, que enxergou no esporte uma possibilidade de união entre as nações. (TUBINO, 1999).

Para Alabarces (2009), sociólogo argentino, existem algumas características que definem os esportes modernos:

1. Secularismo, como opuesto a la relación de los juegos antiguos con los rituales religiosos;
2. Igualdad, el establecimiento de reglas que equiparen a los contendientes;
3. Burocratización, la invención de instituciones reguladoras;
4. Especialización, la concentración de los practicantes en una sola especialidad;
5. Racionalización, la introducción de técnicas específicas de entrenamiento y tácticas;
6. Cuantificación, la introducción de mediciones, archivo y estadísticas;
7. Obsesión con los récords, en tanto la cuantificación permite establecer continuamente barreras a ser superadas. (ALABARCES, 2009, p. 3)

Os tópicos são apenas auxiliares na difusão e conscientização do que é um esporte ou o que se encaixa em algo profissional de um esporte. Na antiga Grécia os jogos olímpicos apenas visavam o mérito físico dos que se propunham a competir, logo não se dedicavam exclusivamente para a atividade.

A professora doutora Paula Rondinelli destaca que o termo esporte se refere a qualquer tipo de prática que está vinculada a Federações e Confederações, cujo papel é o de regulamentar as regras dessa prática. Com regras estabelecidas e que não mudam durante o campeonato, desta forma visando uma premiação ao vencedor. Rondinelli (2017) também afirma que com esta definição podemos abranger o tema e introduzir modalidades como xadrez e automobilismo.

Barbanti (2006, p. 55) destaca outra visão acerca deste tópico. Para ele, esporte é uma junção de atividades motoras, proeza física ou esforço físico, logo as modalidades que não exigem habilidades físicas complexas e que os fatores mais importantes são os fatores cognitivos, não se caracterizam como esporte.

Uma das classificações mais clássicas de esportes é a Signification Du sport, de Bouet (1995), que definiu cinco classes esportivas. Esportes de combate (“lês sports de combat” – as lutas) onde se enquadra o MMA; os esportes com bola (“lês sports de balle” – futebol); os esportes de atletismo (“lês sports athlétiques”); os esportes ao ar livre (“lês sports de nature”) e os esportes motorizados (“lês sports mécaniques” – automobilismo).

Tubino (1999) faz uma definição do que ele considera esporte. Para ele, estão divididos da seguinte maneira: esportes olímpicos, que já fazem parte das olimpíadas há tempos e a principal vitrine são as olimpíadas, como a natação e a

ginástica olímpica; esportes de tradição não-olímpica, que suas principais competições não estão nas olimpíadas, como o futebol; as artes marciais, que se desenvolveram em épocas anteriores em templos e feudos e percorreram o oriente; esportes de aventura ou de desafio que, de um modo geral, estão sempre num processo de busca da superação; esportes de relação com a natureza, que dependem dela ou são ligados a ela, como o surfe; esportes intelectivos que envolviam jogo, competição, movimento e institucionalização em espaços reduzidos, como o xadrez e que foram reconhecidos apenas em 1979, com a Carta Internacional de Educação Física e Desportos; esportes de identidade cultural, que se originam na própria cultura nacional e regional e esportes de expressão corporal, como dança e aeróbica.

1.2 O ESPORTE NO BRASIL

No Brasil o esporte se tornou fenômeno no século XX (mas ele começou antes), devido à nova ascensão da burguesia no país, aliada ao início da República e a ascensão da II Revolução industrial. Alain Corbin (2001) destaca o que é na visão dele um ser pertencente à burguesia e como ele lida com seu tempo livre:

O burguês aparece “em grande medida como o homem com tempo livre”. E isto, mais uma vez, não quer dizer que se trate de um ocioso, longe disso: ele tenta, com seus contemporâneos, evitar o vazio de horas. É como qualquer um, obrigado a empregar o tempo e tem que encontrar numa ocupação razão para viver. (CORBIN, 2001, p.63)

Durante esta busca pela ocupação do seu tempo, a burguesia passou a ser grande entusiasta das práticas do lazer e esportivas. Estas duas vertentes são inclusive pertencentes uma à outra, sem que se possa haver um estudo separado de cada. Para Bourdieu (1990), o estudo e a análise da valorização do esporte não podem se focar em apenas um universo de ideias, mas sim de vários fatores, pois apesar da autonomia do estudo esportivo, ele ainda carrega consigo outros campos que merecem ser abarcados. Bourdieu afirma

(...) esse espaço dos esportes não é um universo fechado em si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios, estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que este espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Quero simplesmente dizer que não se pode estudar o consumo esportivo, se quisermos chamá-lo assim, independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral. (BOURDIEAU, 1990, p.210)

A prática esportiva no Brasil se iniciou aproximadamente na metade do século XIX, com a criação do primeiro clube especificamente esportivo, com foco no turfe, que surgiu em 1849, trazendo muito da influência de franceses e ingleses. A popularização passou a ser mais massificada no fim do século, com a difusão de modalidades e a já citada ascensão da burguesia. A capital do Brasil na época era o Rio de Janeiro, que pode se observar como grande palco de novas práticas. Clubes que hoje se destacam pelo futebol, foram inicialmente criados como instituições de remo, como o Club de Regatas Botafogo, fundado no dia 1º de julho de 1894, e o Club de Regatas Flamengo, inicialmente fundado em 17 de novembro de 1895, mas oficialmente tido como 15 de novembro, devido à assimilação com a Proclamação da República.

1.3 OS FATORES SOCIAIS DO ESPORTE

O esporte pode ser um grande artifício de apelo popular para as grandes massas, tanto para o bem quanto para o mal. Quando citamos exemplos de dominação de uma população, o partido nazista se destaca como um dos mais significativos da história. Tubino (1999) cita a evolução dos conflitos a partir do esporte, como o caso de Hitler, que percebeu o grande apelo que o esporte poderia gerar e utilizou como propaganda política, nas Olimpíadas de Berlim, realizadas em 1936.

Após a II Guerra Mundial, outro conflito, desta vez sem um combate de fato, tomou conta do mundo, a Guerra Fria. Protagonizada por EUA e URSS, que se fortaleceram e fomentaram a prática esportiva com o objetivo de provar ao mundo suas potências. Os boicotes da delegação dos EUA nos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980, seguido do boicote soviético na Olimpíada de Los Angeles, 1984, se tornaram símbolos do conflito de ideologias. Turbino (1999) comenta que o Brasil, assim como outros países da América Latina, se utilizou da estatização do esporte para exaltar o nacionalismo.

A partida entre Inglaterra e Argentina, na Copa do Mundo de 1986, teve muito mais destaque do que apenas a grande atuação de Diego Maradona. Os dois países haviam entrado em conflito pelas Ilhas Malvinas, localizado ao sul da Argentina. O confronto armado ocorreu entre 2 de abril e 14 de julho de 1982. A partida foi realizada no dia 22 de junho de 1986.

No Brasil, o esporte tem mais que a função apenas de entretenimento. Para Briel (1989) “No Brasil o esporte deve ser entendido como um instrumento a mais nas resoluções de questões sociais, em articulação com setores fundamentais como: educação, saúde, habitação e política alimentar”. Bem como uma forma de educação que deve estar presente nas escolas, pois dá noções cognitivas de regras “que devem ser cumpridas e respeitadas, cooperação, solidariedade, liderança, competição”.

Bickel, Marques e Santos (2012) fazem um trabalho de aplicar os conceitos e valores dos esportes para a sociedade. Para eles:

No cotidiano, nos mais diferentes pontos de encontro de sociabilidade dos espaços esportivos, tanto públicos (escolas, parques, praças) quanto privados (academias, escolinhas de esportes, ginásios), a prática esportiva produz uma série de valores no seu contexto. Liderança, trabalho em equipe, respeito às regras, são alguns exemplos de valores que são vivenciados, muitas vezes indiretamente, quando há a intervenção de algum profissional de Educação Física, com a intenção de provocar a produção destes valores nos participantes da atividade física.

Neste contexto, os programas e projetos sociais são fundamentais na construção da cidadania, da criação de oportunidades para crianças e jovens excluídos, criando assim, uma perspectiva de futuro melhor. Possibilitar que crianças e jovens vivenciem atividades esportivas, pedagógicas, alimentação balanceada, e, acima de tudo, o direito de poder brincar e se divertir, se sociabilizar com demais crianças, criar vínculos de amizade, afastando-as e as conscientizando do perigo das drogas, são alguns dos objetivos dos projetos sociais oferecidos por governos e instituições.(BICKEL, MARQUES e SANTOS, 2012, p. 01)

1.4 O MIXED MARTIAL ARTS (MMA)

O Mixed Martial Arts (MMA, traduzido para o português como Artes Marciais Mistas) é, para Muggiati e Maurer (2016), um esporte que reúne vários estilos de luta, como os de impacto, (muay thai, boxe e caratê) e os de luta agarrada (jiu-jitsu e wrestling). Este esporte é a evolução do antigo vale-tudo, no qual não haviam regras, comissões atléticas ou até mesmo luvas.

1.4.1 Breve história da modalidade

O MMA é a evolução do chamado Vale-tudo, que se baseava em desafios entre academias para promover qual seria a arte marcial mais efetiva. O mestre de jiu-jitsu Hélio Gracie desafiou em 1951 o judoca Masahiko Kimura, um dos primeiros registros do que se tornaria o vale-tudo. Em 1962 o programa de TV Heróis do Ringue transmitiu ao vivo um acidente no qual um lutador quebrou o braço, o que leva à proibição do vale-tudo no estado da Guanabara.

Todo esse tempo de desafios durou até os anos 1990, com a criação do Ultimate Fighting Championship (UFC). Felipe Awi traz em seu livro “Filho Teu Não Foge à Luta”, uma visão do que aconteceu nos bastidores da criação do evento. Rorion Gracie, filho de Hélio, se uniu à Semaphore Entertainment Group (SEG), cujo dono era Bob Meyrowitz, radialista americano. Awi (2012) conta como foi o processo de convencimento do brasileiro para financiar as ideias

Até que alguém se lembrou de um jogo de videogame e de fliperama que tinha virado febre entre os jovens na época: Mortal Kombat. Eram lutadores de várias origens, com estilos diferentes, uns contra os outros. O show deles seria mais ou menos assim. Representantes de várias artes marciais se enfrentariam sem tempo, regras, jurados, sistema de pontos ou categorias de peso. Dois entrariam no ringue e só um sairia. Seria como Rorion aprendeu em casa: a reprodução de uma briga de rua real(AWI, 2012, p. 106).

A sede do evento seria a próxima prioridade, que aconteceu em Denver, Colorado, nos EUA. A cidade foi escolhida por uma série de motivos, como a regulamentação das comissões atléticas, no estado se permitia lutar sem luvas. O primeiro UFC foi realizado em 1993, pela plataforma de pay-per-view, na qual quem queria assistir a luta deveria pagar separado pela transmissão. Com o avanço das competições, surgiram outros eventos da modalidade, mas o mais popular foi criado em 1997 e organizado por japoneses, o Pride Fighting Championship. Segundo Awi (2012), era um show completo “Antes das lutas, o público se divertia com espetáculos que misturavam luzes, pirotecnia, canto coral e apresentações teatrais, em uma ode ao Japão antigo e contemporâneo”.

Após alguns anos, com muitas reclamações sobre a violência dos eventos, algumas redes de televisão se recusavam a exibir o UFC. O evento foi banido em alguns estados, como Nova York, que só o liberou novamente em 2016. Para combater essa visão se estabeleceram as “Regras Unificadas de Conduta do MMA”, que surgiram do conjunto de normas estabelecidas em 2000 pela Comissão Atlética do Estado de New Jersey (New Jersey State Athletic Control Board, NJSACB) para sancionar o MMA, aproveitando um trabalho iniciado pela Comissão Atlética do Estado da Califórnia (CSAC). As faltas foram aproveitadas no trabalho desenvolvido pela Comissão Atlética do Estado de Nevada (NSAC), que também acrescentou algumas alterações no resultado final. Alguns lutadores se mostravam insatisfeitos com as normas e passaram a lutar no PRIDE, evento japonês de grande audiência.

Com a crise, motivada pela concorrência, a SEG decidiu vender o UFC para os irmãos Frank e Lorenzo Fertitta, donos de cassinos em Las Vegas. A primeira edição sob o comando da empresa Zuffa foi o UFC 31, em 4 de maio de 2001.

Após anos de grandes shows o PRIDE se viu envolvido em uma série de polêmicas, seu fundador Nobuyuki Sakakibara estava envolto em denúncias relacionadas à máfia japonesa. Com medo de manchar seu nome, a principal rede de televisão, a TV Fuji desistiu de transmitir o evento. Awi (2012) conta como foi esse processo

A pressão de políticos e da imprensa tornou-se insuportável. Nos bastidores, a polícia japonesa chegou a ameaçar os diretores com uma devassa nas finanças caso eles insistissem em transmitir o Pride. Até que em junho de 2006 a TV Fuji anunciou formalmente que estava fora do negócio. A saída da emissora expôs o empreendimento frágil e inconsistente que havia por trás do fenômeno de popularidade. Sem a exposição em horário nobre, desencadeou-se uma reação em cadeia fatal para o Pride. Todos os principais patrocinadores romperam seus contratos. Os hotéis onde os lutadores e as equipes se hospedavam começaram a se recusar a recebê-los. Fornecedores só aceitavam negociar com a DSE se o pagamento fosse adiantado. Ao contrário do que exigia uma organização sólida, o Pride não tinha reserva de capital — era apenas parte da engrenagem das famílias P Gumi e X Gumi, inclusive para lavagem de dinheiro. Entre 2004 e 2005, por exemplo, a DSE faturou US\$60 milhões que, simplesmente, sumiram da contabilidade oficial. Enquanto as investigações continuavam, Sakakibara tentou uma sobrevida, levando o Pride para fora do país pela primeira vez.(AWI, 2012, p. 251).

Com a falência do PRIDE, o UFC comprou os direitos da empresa e decidiu congelar as atividades, somente mantendo os lutadores como funcionários. Em 27 de março de 2007, Sakakiraba anunciou a venda do evento, pelo valor de US\$70 milhões.

1.4.2 Contexto atual

Atualmente o UFC está em posse da WME-IMG, empresa que cuida do marketing e da imagem de diversos eventos nos ramos da comunicação. O contrato com as emissoras TV Globo e Fox dão a dimensão da importância que o esporte atingiu. No ano de 2016 o UFC ultrapassou um milhão de pacotes de pay-per-view vendidos em cinco edições atingindo total de oito milhões e trezentos e setenta mil, um recorde da organização.

Segundo dados do IBOPE, a audiência da Rede Globo é beneficiada pela exibição do UFC na emissora, o último evento transmitido ao vivo, em novembro de 2016, registrou dez pontos, que representa um aumento de três a quatro pontos em relação às quatro semanas anteriores.

1.4.3 O MMA em Curitiba

Para Maurer e Muggiati (2016), no livro “O Celeiro do MMA”, a cidade de Curitiba tem papel fundamental no desenvolvimento do esporte. Para eles:

O caminho para a evolução, do que é antes era chamado vale-tudo, passa diretamente por Curitiba, seja exercendo sua função de celeiro do MMA, ao revelar atletas e receber lutadores de fora interessados em aprimorar, ou espalhando técnicas e servindo de vitrine para o mundo das lutas. (MAURER DE BARROS, MUGGIATI, 2016, p. 8)

Ao todo são 17 lutadores que foram campeões mundiais que nasceram, começaram ou dedicaram seus treinos na cidade, além de 11 vitórias no mais importante prêmio do MMA no mundo, o MMA Awards (Maurer e Muggiati,2016). Em Curitiba o grande destaque das academias é a Chute-Boxe, criada por Rudimar Fedrigo em 1979, mas a primeira equipe de competições se formou em 1987 e participou de eventos de vale-tudo em 1991. Nesta equipe se formaram grandes lutadores, como Wanderlei Silva, campeão mundial no PRIDE; Maurício “Shogun” Rua, campeão mundial no PRIDE e no UFC, além de Anderson Silva, campeão mundial no UFC e detentor da maior sequência de vitórias da organização (16).

A cidade também sediou em 2016 a edição de número 198 do UFC, que até hoje é o maior evento de MMA do Brasil, superando a marca de 42 mil ingressos vendidos. No estádio do Clube Atlético Paranaense a torcida pôde ver Maurício “Shogun” em ação, além da disputa pelo cinturão dos pesos-pesados (até 120kg) do UFC.

2. JORNALISMO ESPORTIVO

2.1 DEFINIÇÃO DE JORNALISMO

O jornalismo apresenta duas vertentes de conhecimento, divididas entre os que afirmam ser uma forma de conhecimento e os que definem como uma profissão de grande impacto na sociedade. Na área acadêmica há um debate se o Jornalismo é uma forma de conhecimento válida ou apenas uma degradação do conhecimento, por apresentar conhecimento de maneira superficial ou uma ciência menor. Para alguns críticos o Jornalismo apresenta mais males que bens à ciência, como afirma Meditsch (1997, p. 2) ao citar o intelectual alemão Karl Kraus

“O que a sífilis poupou será devastado pela imprensa. Com o amolecimento cerebral do futuro, a causa não poderá mais ser determinada com segurança.(...) A imagem de que um jornalista escreve tão bem sobre uma nova ópera como sobre um novo regulamento parlamentar tem algo de acabrunhante. Seguramente, ele também poderia ensinar um bacteriologista, um astrônomo e até mesmo um padre. E se viesse a encontrar um especialista em matemática superior, lhe provaria que se sente em casa numa matemática ainda mais superior.’ Kraus não representa um crítico isolado. Seu pensamento influenciou profundamente muitos outros intelectuais de respeito, como Walter BENJAMIN e os fundadores da Escola de Frankfurt.” (Meditsch 1997, p. 2)

Meditsch (1997, p. 3) também apresenta uma visão mais otimista sobre o Jornalismo, que pode ser entendido como um meio que “não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente”. Por este motivo ele pode trazer novos aspectos da realidade que só são encontrados nele, justamente por sua abordagem diferenciada e mais palatável ao público geral.

Meditsch (1997, p. 4) também discute sobre a visão do racionalismo, que pode ser vista como uma forma de discutir o papel do Jornalismo enquanto forma de conhecimento, pois segundo ele:

“A sociologia e a antropologia do conhecimento, ao se debruçarem sobre o cotidiano das pessoas comuns, e não apenas sobre os relatos dos sábios, reforçaram a idéia de que a metodologia científica não é o único modo de conhecer e provavelmente sequer o mais importante para a nossa sobrevivência individual e de nossa existência gregária. Diversos tipos de conhecimentos circulam em diversas redes sociais.” Meditsch (1997, p. 3)

No campo das visões mais relacionadas à profissão jornalística, Nelson Traquina (2005, p. 20) discute sobre a importância do Jornalismo, que para ele é uma forma de se manterem informadas e desenvolver conversas com seus grupos ou por ficarem entusiasmadas com as alegrias e tocadas pelas tragédias do mundo. Para ele os jornalistas são os contadores de “estórias” contemporâneos, mas afirma “o jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e

seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados” Traquina (2005, p. 20).

O papel do jornalismo não se reduz apenas a contar “estórias” ou informar as pessoas para que tenham assuntos nos seus grupos, mas também contribuem muito para a formação de uma democracia. Traquina (2005, p. 22) afirma que “não pode ser imaginada como sendo um sistema sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura”, em um papel fundamental na sociedade atual.

Traquina (2005, p. 23) ainda afirma que o papel é sempre conflitante com o poder político, pois defende a democracia acima de defender pessoas ou propagandear para determinadas ideologias. A ideia de “Quarto Poder” surge como contraste ao poder político, instituído por séculos e define uma visão de antagonismo frente à política:

“jornalismo não apenas para a troca de ideias e opiniões e reservaram ao jornalismo não apenas o papel de informar os cidadão, mas também num quadro de checks and balances (a divisão do poder entre poderes), a responsabilidade de ser o guardião (watchdog) do governo.” (TRAQUINA, 2005, p. 23).

2.2 O JORNALISMO ESPORTIVO

A história do Jornalismo Esportivo no Brasil surge após a criação dos clubes, citados no capítulo 1, que geravam interesse da burguesia, mas ainda era tido como uma forma menor de jornalismo, como comenta Coelho (2014, p.7) que comenta sobre a descrença na popularização do esporte, e muitos imaginavam que “até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas do jornal”. O futebol se estabeleceu como o maior esporte do país e o primeiro diário especializado em esportes no Brasil surgiu no Rio de Janeiro, capital do país na época, em 1931 o “Jornal dos Sports”

Uma das grandes dificuldades do jornalismo esportivo, no entanto, é a divulgação de notícias da mesma forma que a imprensa de política, sociedade, etc. Por envolver o emocional, muitas vezes a cobertura esportiva fica ligada a uma visão de entretenimento, que segundo Coelho (2014, p.48) corre dois riscos, perder a paixão pelo que se trabalha, como trazer uma visão saudosista do esporte e desmerecer o atual, além de se transformar uma estrela maior que o jogo em si. Risco este que está presente em todas as editorias jornalísticas, mas o meio esportivo sofre mais que os outros, com exemplos citados pelo próprio autor.

Acima de outras editorias o Jornalismo Esportivo está em um âmbito que muitas vezes é discutido. Coelho (2014, p. 39) traça um paralelo entre um garoto de 12 anos que gosta muito de futebol e um jornalista esportivo. O garoto tem tempo livre suficiente para saber todas as informações possíveis sobre o time, mas não possui a formação jornalística. O jornalista por sua vez possui a formação, mas não tem tempo o suficiente nem a paixão que o garoto de 12 anos tem para conseguir todas as informações possíveis do clube em questão. Mas ambos precisam ter conhecimento das áreas abordadas, não sendo necessário ao jornalista a paixão, mas sim o profissionalismo e seguir os princípios da profissão, como pensamento crítico e informação acima de ideologias, seja por torcida, sejam políticas.

3. A NARRATIVA DOCUMENTAL

3.1 HISTÓRICO

A criação do documentário está ligada diretamente com a do cinema, vide a diferença temporal entre os dois, que embora não seja tão significativa, as câmeras estavam lá para documentar a realidade, além de somente trazer a ficção para as telas. O primeiro filme da história, produzido pelos irmãos Louis e Auguste Lumière estabeleceram importantes bases tecnológicas sobre as quais a indústria cinematográfica se fundou.

De acordo com Fernando Mascarello, no livro *História do Cinema Mundial*,

(..) os filmes dos Lumière, por serem feitos em locações naturais, externas e autênticas, seriam a origem do que se chama de realismo documentário. No entanto, essa distinção não se aplica ao primeiro cinema. Muitas vezes, as atualidades incluíam encenações dos fatos que pretendiam retratar: eram as atualidades reconstituídas. (MASCARELLO, 2006, p. 31)

Os irmãos franceses criaram o cinematógrafo, uma câmera leve e portátil movida à manivela. Os filmes eram de cenas comuns, sendo o mais conhecido até hoje a saída dos operários da fábrica de Louis Lumière, pai dos irmãos. O cinematógrafo de Louis Lumière não dependia de corrente elétrica, além de funcionar como câmera, copiadora e projetor. A sua grande funcionalidade garantiu uma disseminação recorde do aparelho, que dois anos depois de criado, já havia chegado aos cinco continentes.

O primeiro documentário estabelecido neste gênero é “*Nanook of the North*”, resultado da experiência de Robert Flaherty ao conhecer os *Inuit* que habitavam a Baía de Hudson, no norte do Canadá. Após doze meses de filmagens e expedições contínuas do cineasta à região, o material estava completo e editado em 1916. No entanto, um incêndio acidental consumiu todos os negativos. A produção teve de ser iniciada novamente e só depois de levantar novos recursos, o filme de Flaherty estreou em junho de 1922.

Nanook of the North é inovador pelo fato de que não dá ao cineasta a figura de quem narra o filme, pois ele se configura em torno da vida da comunidade. Outro ponto é que a obra de Flaherty se igualava ao modelo dos irmãos Lumière de observar a realidade com um olhar mais descritivo. A inovação da abordagem de Flaherty é justificada por Da-Rin (2006, p.46): “seu filme inovava ao colocar os fatos

que testemunhou em uma perspectiva dramática: construída em personagem – Nanook e sua família – e estabelecida um antagonista – o meio hostil dos desertos gelados do norte.”

Como Flaherty optou por centrar-se na vida do esquimó, ele estava compartilhando de princípios clássicos da ficção. As situações tocantes e emocionantes presentes em *Nanook of the North* não eram comuns aos filmes de exploração e viagem da época. No entanto, não se trata de ficção, posto que a comunidade de Inuiksera real. Isso não significava, porém, que todos os movimentos e atividades desempenhadas pelas pessoas filmadas eram espontâneos. “Às vezes, você precisa mentir. Frequentemente, você tem que distorcer uma coisa para captar seu espírito verdadeiro” (BARSAM, 1992 *apud* DÁ-RIN, 2006).

3.2 DEFINIÇÃO

Após a introdução do primeiro documentário, vários outros gêneros adentraram a esta vertente cinematográfica. Um dos maiores teóricos sobre documentários no mundo, Bill Nichols (2005, p.35), divide esses modos em seis principais: poético, participativo, expositivo, performático, observativo e reflexivo. Ao utilizar um modo, o realizador não precisa ficar preso a somente este na continuidade das atividades, mas poderá utilizar um ou vários modos de construção, de acordo com o que pretende comunicar.

O documentário poético recebeu grande influência da vanguarda modernista e está associado à quebra da montagem em continuidade e do padrão de representação convencional, além de romper com a relação de tempo e espaço. Utiliza padrões abstratos, associações visuais e rítmicas para enfatizar a emoção, o afeto e o estado de ânimo.

O documentário participativo está vinculado à pesquisa antropológica e sociológica, particularmente à metodologia da observação, conhecida nas ciências sociais. Ele procura transmitir ao público a sensação de como é estar em determinada situação, sem procurar no entanto transmitir a opinião pessoal do diretor, que deve conviver em profundidade com a realidade com a qual trabalha.

O cineasta despe o manto do comentário em voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como

qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos). (NICHOLS, 2005, p.154)

O documentário expositivo está ligado ao realizador de forma mais direta, principalmente com uma narração em *off*, mas também através de títulos e legendas. A locução serve como uma explicação dos fatos e para as imagens que aparecem na tela. Essa relação entre a voz e a imagem representa um elemento persuasivo, pois induz o espectador a ter as mesmas ideias do realizador. A lógica da montagem nesse caso tem o objetivo de estabelecer um nexo e uma continuidade argumentativa, aproximando-se das características do noticiário televisivo.

O documentário performático procura impedir um tom mais pessoal do realizador. Destaca os aspectos subjetivos de um fato objetivo. Se utiliza de licenças poéticas e de narrativas menos convencionais na busca de um maior envolvimento do espectador.

Esses filmes nos envolvem menos com ordens ou imperativos retóricos do que com uma sensação relacionada com sua nítida sensibilidade. A sensibilidade do cinema busca incentivar a nossa. Envolve-nos em sua representação do mundo histórico, mas fazemos isso de maneira indireta. Por intermédio da carga afetiva aplicada ao filme e que o cineasta procura tornar nossa. (NICHOLS, 2005, p.171)

O documentário observativo busca captar as cenas no momento em que elas ocorrem, sem uma interferência direta na ação. Trata-se do cinema-direto, cujas principais características são o uso de plano sequência e captação de som real síncrono. O documentarista aspira à invisibilidade, posicionando a câmera de modo a não demonstrar sua presença. A montagem reflete a busca da continuidade espacial e temporal, sem uma lógica argumentativa (NICHOLS, 2005).

O documentário reflexivo traz revelação do processo de produção. É uma espécie de metalinguagem do meio cinematográfico e procura ironizar a representação objetiva do mundo e indagar sobre as consequências da produção do comentário na relação entre cineasta, atores sociais e público (NICHOLS, 2005).

3.3 JUSTIFICATIVA

3.3.1 DOCUMENTÁRIO COMO PEÇA JORNALÍSTICA

A definição inicial do que é documentário traz a veracidade dos fatos, com a ação de um realizador, algo semelhante com as notícias, que são apresentadas a partir da visão de um jornalista. Melo, Gomes e Moraes (2001) apontam características intrínsecas aos documentários, dentre elas o seu caráter autoral, a não obrigatoriedade da presença do narrador e utilização de montagens ficcionais. As grandes diferenças em relação às reportagens televisivas são principalmente, a duração e o aprofundamento. O documentário é mais longo e necessita de uma investigação maior, que foge do factual, o que faz com que ele tenha menos veiculação na TV aberta. Com este pensamento eles descrevem:

Isso dificulta o investimento na produção de documentários, gênero jornalístico mais atemporal e que requer uma pesquisa mais aprofundada e detalhada do tema a ser abordado. O documentário, embora tenha vínculo irrefutável com a atualidade, tem um compromisso menor com a rotatividade da informação. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001, p.4)

Levando em conta essa característica, o caráter autoral do documentário não prejudica sua credibilidade. Em documentários sobre situações de “conforto”, proporcionar o mesmo tempo de argumentação para todos os segmentos sociais envolvidos não é uma regra. Geralmente, o modelo de documentário utilizado pelo jornalismo é o expositivo, aquele que conta com a presença de um narrador. No entanto, não é difícil encontrar produções que mesclam os modelos expositivos e observativo, como em filmes compostos apenas pelo depoimento dos entrevistados, como é o caso do documentário “Edifício Master”, de Eduardo Coutinho.

Nos casos dos documentários compostos essencialmente por depoimentos as paráfrases discursivas (repetição de um mesmo tema na linha do discurso) tornam-se indispensáveis para dar coesividade ao texto. Assim, as paráfrases atuam como elementos importantes da argumentação. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001, p.8)

Por isso, durante a produção do documentário aqui proposta, se intercalará as sonoras dos entrevistados com a narração do seu diretor para que elas se complementem entre si.

3.4 MÉTODOS

A pesquisa teórica para a formulação deste trabalho baseou-se na busca pelas definições gerais do que é esporte, da sua importância social e por fim no desenvolvimento do Mixed Martial Arts; da definição de jornalismo e jornalismo

esportivos; da definição do que é documentário e seu papel no jornalismo; E, além disso, na busca por dados que comprovam o crescimento da modalidade e a popularização do esporte. Cada artigo dessa busca auxiliou na elaboração do projeto, como a pesquisa e definição de cada aspecto teórico na produção do roteiro do documentário. Para esta pesquisa foram utilizados 26 autores, divididos em 11 livros e 8 artigos acadêmicos.

Para o recorte do desenvolvimento e definição do que é esporte utilizei Duarte (2003), que descreveu o início da noção de atividade física com finalidade competitiva. A leitura de Elias e Dunning (1992) foi utilizada na definição do termo esporte e o que essa epistemologia significava.

Tubino (1999), Alabarces (2009), Rondinelli (2017) e Barbanti (2006) auxiliaram na pesquisa para a elaboração da definição inicial e com a evolução do termo “esporte”, bem como a criação de regras para a prática competitiva. Tubino (1999) traz uma visão mais clássica e Alabarces (2009) explica sua visão em relação aos princípios básicos para que uma atividade seja considerada esporte. Rondinelli (2017) e Barbanti (2006) têm visões contrastantes sobre a definição de esporte e isso foi positivo para ampliar a noção geral da pesquisa. Bouet (1995) traz uma das definições clássicas na classificação de modalidades esportivas.

Para a pesquisa do tópico 1.2, referente ao desenvolvimento do esporte no Brasil, foram utilizados Corbin (2001) e Bourdieu (1990), que trazem noções do início do desenvolvimento do esporte como entretenimento da burguesia e como isso possibilitou a criação de instituições esportivas no país.

Para a pesquisa do tópico 1.3, que traz definição da importância do esporte, foi utilizado Tubino (1999) que explicita a influência do esporte em decisões políticas e sociais em eventos marcantes do século XX, como a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria. Bruel (1989) trouxe a visão do esporte no Brasil, que vai além do entretenimento e influi em setores com educação e saúde. Bickel, Marques e Santos (2012) trazem a sua definição da importância social do esporte.

O tópico de pesquisa 1.4 traz o recorte sobre o MMA e, para isso, foi utilizado Awi (2012) que deu base para a elaboração de um pré-roteiro. O livro auxiliou na construção de uma linha do tempo, necessária para a narrativa documental que optei para o trabalho. Maurer de Barros e Muggiati (2016) auxiliaram no recorte estabelecido pelo documentário, com sugestão de fontes e um embasamento maior na produção do roteiro.

Para o segundo tópico, “Jornalismo Esportivo”, a pesquisa acadêmica traz a definição de jornalismo. Com isso foi utilizado Meditsch (1997) com a finalidade de debater se jornalismo é um conhecimento próprio ou a reunião de vários tipos de conhecimento. Com a leitura de Traquina (2005) pude definir a importância do jornalismo para a sociedade.

Para o tópico 2.2, que busca definir o jornalismo esportivo, que traz a leitura de Coelho (2014), com o objetivo de definir a importância do jornalismo esportivo e explicar os problemas que ele pode encontrar.

O terceiro tópico traz um balanço sobre a narrativa documental, que parte da sua origem até seus modos de produção. O tópico 3.1 traz a definição do histórico deste gênero cinematográfico. Mascarello (2006) e Da-Rin (2006) trazem o início do cinema e o desenvolvimento dos precursores deste formato, partindo dos irmãos Lumière até Nanook, o primeiro documentário que se tem registro.

Para o tópico 3.2 o trabalho acadêmico traz as definições de produção documental, a partir de Bill Nichols, que apresenta definições sobre os formatos de documentário, que possui seis principais aspectos, que são: poético, participativo, expositivo, performático, observativo e reflexivo.

O tópico 3.3 traz a justificativa para a escolha do documentário. O tópico 3.3.1 traz a definição de documentário como peça jornalística, apoiado pela leitura de Melo, Gomes e Moraes (2011), que trazem uma visão sobre a atemporalidade e a liberdade criativa do jornalismo aplicado em forma de documentário.

Foi com base nesses autores até aqui citados que se pode partir para a produção do documentário. Após levantamento de personagens e especialistas no assunto, que dessem conta de narrar o recorte proposto pela ideia inicial do documentário. Foram feitas sete entrevistas, com cerca de 15 minutos de duração média por entrevistas. Os entrevistados são: Rudimar Fedrigo, criador da academia Chute-Boxe; Evangelista “Cyborg” Santos, ex-lutador e atualmente treinador da academia Chute-Boxe; Cristiano Marcello, ex-lutador e atualmente dono da academia CM System; Márcio Valle, jornalista especializado em MMA na cidade de Curitiba, dono do portal Primeiro Round; Wagner Galletto, ex-lutador e atualmente treinador e dono da academia Galletto Brothers; Lucas Carrano, diretor de marketing do BRAVE Fighting Combat e por fim Ariane Lipski, lutadora e campeã do evento russo KSW.

A escolha de fontes se baseou na importância de cada um para um momento específico do desenvolvimento do esporte. Rudimar, Evangelista e Cristiano foram escolhidos pela sua importância na criação do esporte, na época marginalizado até a criação de regras e a institucionalização do MMA. Wagner Galeto foi escolhido por sua participação no programa “The Ultimate Fighter”, uma das principais bases para a popularização do esporte no Brasil. Márcio Valle foi escolhido por sua atuação na cobertura jornalística do MMA na cidade de Curitiba, com o portal Primeiro Round, referência do esporte em todo o país. Ariane Lipski foi escolhida para representar a nova geração do MMA e, por ser mulher, provar como o esporte mudou com o passar do tempo, seja na aceitação de atletas nas academias ou pela midiática sobre o MMA feminino.

O contato foi feito pessoalmente em eventos de MMA na cidade de Curitiba. Todas as entrevistas tiveram um questionário próprio para a gravação, baseado no conhecimento prévio de cada uma das fontes.

Para Rudimar, Evangelista e Cristiano, foram feitas perguntas sobre os desafios entre modalidades na década de 1990 e sobre o início da popularização do esporte no Japão, com o evento PRIDE. Além deste recorte histórico foram feitas perguntas relacionadas ao desenvolvimento da modalidade e a criação de regras para o Vale-Tudo, que mais tarde seria rebatizado como Mixed Martial Arts (MMA).

Para Wagner Galeto foram feitas perguntas sobre o seu começo no esporte e sobre a sua participação no reality-show “The Ultimate Fighter”, exibido pela Rede Globo, no ano de 2012.

Para Márcio Valle foram feitas perguntas acerca da popularização do esporte e da renovação do esporte na cidade, bem como a realização do UFC 198 em Curitiba, em maio de 2016. Também foi explorado o desenvolvimento do MMA feminino.

Para Lucas Carrano foram feitas perguntas relacionadas à importância de Curitiba no MMA e a escolha do evento internacional de MMA, o BRAVE, em realizar duas edições na cidade neste ano.

Para Ariane Lipski foram feitas perguntas sobre a popularização do esporte, sobre o MMA feminino e sobre as perspectivas da nova atleta.

As locações do documentário se deram de acordo com a disponibilidade das fontes e com a necessidade das imagens. Os locais de gravação foram ambientados na cidade de Curitiba. Foram utilizadas as academias dos lutadores:

Cristiano Marcello na CM System; Rudimar Fedrigo e Evangelista Santos na Chute-Boxe Hauer; Wagner Galeto na Galeto Brothers e Ariane Lipski na Academia Rasthai Temple. O jornalista Márcio Vale foi entrevistado no estabelecimento Rally Centro Automotivo. O diretor de marketing Lucas Carrano foi entrevistado no Shopping São José.

A captação de imagens para o documentário foi realizada com três câmeras, uma Nikon modelo D5200 e duas câmeras Canon modelos T5i e T6i. Os vídeos, por sua vez, foram filmados em qualidade full HD, com resolução 1080p. O áudio foi captado por lapela conectada com um gravador de voz Digital Sony Icd-Px 240 4gb e um smartphone Samsung J7, gravado em extensão .mp3 e .mp4, respectivamente. Materiais adicionais e de arquivo pessoal foram retirados da internet e bancos de vídeos disponíveis na plataforma YouTube, no portal GShow e no site oficial do UFC. As imagens de off foram necessárias para ilustrar as lutas e eventos descritos pelos entrevistados e com finalidade de agilizar o ritmo do documentário.

A edição do documentário foi realizada no software Adobe Premiere Pro CS6 e a formatação final escolhida foi H-264, na qualidade 720p 23,97 fps.

IMAGEM RUDIMAR FEDRIGO NO
DESAFIO CHUTE-BOXE X CAPOEIRA
EM 1993

GC: CHUTE-BOXE X CAPOEIRA ANO
DE 1993

a gente fez a fusão do Muay Thai com o jiu-jitsu e aí deram entrada no MMA.

OFF 2: Rudimar Fedrigo

Dentro da arte marcial era diferente do que hoje que é mais profissionalmente, aquela época era mais uma coisa de provação, de mostrar que seu estilo de luta era bom, por isso que tinha esse tipo de conflito entre as academias. Uma academia que tinha uns alunos lá, da qual sou amigo até hoje do mestre e aí teve essa ocasião, um conflito entre duas pessoas acabou que mais pessoas foram convidadas a participar, daí foi casando as lutas e aí foi no ginásio do círculo militar.

OFF 3: Rudimar Fedrigo

Como o mestre Sergipe já salientou, infelizmente houve uma deturpação em relação a esse evento que vai ocorrer. Pessoas que não tem capacidade suficiente de elaborar uma equipe que tentou de uma certa forma prejudicar esse evento, lamentável que aconteça isso. Nós temos hoje a oportunidade portanto não é o que foi colocado, que seria uma briga de gangues, não é nada disso.

<p>GC: IMAGENS ARQUIVO PESSOAL IMAGENS DESAFIO CHUTE-BOXE X CAPOEIRA. FÁBIO PIEMONTE VS. KUNTA KINTÉ E PELÉ LANDY VS. MOURA.</p> <p>GC: CRISTIANO MARCELO EX- LUTADOR</p>	<p>OFF 4: Rudimar Fedrigo O que eu acho é que a sociedade deve debater é a criação e a proliferação de academias clandestinas, estas sim formam marginais, formam bandidos, que saem nas ruas para agredir pessoas indefesas. Nós não, nós formamos lutadores, profissionais que lutam no ringue, com regras.</p> <p>OFF 5: Rudimar Fedrigo O que eu queria deixar bem claro é o seguinte: gostaria de pedir a todos que estão assistindo que ponham a mão na consciência e que não se envolvam. É claro que arte marcial deixa os nervos a flor da pele, vamos mostrar que é possível organizar evento como esse. A luta deve ocorrer naquele espaço ali, dentro do ringue.</p> <p>OFF 6: Cristiano Marcelo Em um vale tudo a coisa era muito</p>
---	---

<p>IMAGENS LUTA AMADORA DE MAURÍCIO “SHOGUN” RUA</p> <p>GC: EVANGELISTA “CYBORG”</p>	<p>marginalizada, acho que pouquíssimas pessoas acho que maioria lutava porque amava o esporte, gostava do que fazia, queria se testar, defender a bandeira da sua arte marcial, sendo jiu-jitsu, luta livre, jiu-jitsu, taekwondo, eram lutas de estilos então você na verdade queria provar que a tua arte era a melhor, que você era “o cara”, não era aquela coisa do dinheiro, não que esteja errado todo mundo quer ter dinheiro no final do dia, mas não se tinha o dinheiro então não era a questão de glamour, não era questão de nada.</p> <p>OFF 7: Rudimar Fedrigo</p> <p>O esporte, hoje ele através de divulgação da mídia fez com que o esporte fosse bem aceito, mas era difícil conseguir patrocínio, são poucas pessoas que apoiaram a realização de eventos por achar que era muito sangrento e que até incentivava a violência, o que não é verdade por que você fazer uma comparação de um jogo de futebol e as depredações que acontecem no patrimônio público, ônibus, praças sendo depredadas e no MMA quando tem um evento não acontece nenhum incidente.</p> <p>OFF 8: Evangelista “Cyborg” Santos</p>
--	--

SANTOS EX-LUTADOR

FOTO CAPA DO DVD "UFC 1"

Quando eu estava com 18 anos eu já comecei a competir, eu me tornei campeão brasileiro de kickboxe e foi a época que estava surgindo os primeiros eventos de vale-tudo e a academia em que eu treinava tinha um professor de luta livre, o Edson Ogawa, e ele me disse que haveria uma competição de vale tudo e eu só perguntei "como que é vale tudo?" E ele me falou "vale tudo! É porrada e tal" e eu falei "quero ver como que é" e eu fui na locadora e peguei uma fita do UFC para assistir, do UFC 1,2 e 3, aí "porra" fiquei impressionado assim, me impressionou falei "caralho, meu eu vou", "vai mesmo?", "eu vou!", eu estava com 18 anos aí a gente começou a treinar um pouco de corpo a corpo que eu sabia só kickboxe e já em inscrevi em um torneio, e nós fomos para esse torneio e estava demorando para começar o evento assim, estava o ginásio lotado e a galera botando pressão o público já meio que vaiando porque não começava logo o evento e eu queria ver e eu tinha falado "pô minha primeira luta né pra eu ter uma noção de ao vivo como que é o vale tudo" aí já anunciaram para abrir o evento a minha luta, falei "puta que pariu eu não tive nem tempo de ver" eu já entrei pilhado e já saí pegando o cara metendo a porrada, já me embolei já caí

por cima, enchi o cara de cotovelada aí o árbitro já parou a luta e eu fiquei todo feliz

OFF 9: Evangelista “Cyborg” Santos

Eu acabei ganhando duas lutas e indo para a final e na final acabei perdendo foi uma luta bastante dura, mas ali eu vi que era aquilo que eu buscava eu tinha nascido para aquilo aquele momento eu senti isso que eu levantei todo cheio de sangue e a galera aplaudindo e aquilo passou um filme na minha cabeça eu me imaginei como o Rocky Balboa e Apolo na época assim eu gostava bastante desse filme, então foi ali que eu senti que meu, que eu queria fazer daquilo a minha profissão de fé que eu iria dedicar a minha vida a ser um lutador profissional

OFF 10: Evangelista “Cyborg” Santos

Aí quando eu fiquei sem equipe aí eu falei “ pô um atleta tem que ter uma equipe, sozinho é difícil” aí eu peguei e liguei para o Rudimar liguei para o “mestrão” dizendo para ele que eu tinha interesse ele me disse que o que ele poderia e tinha para me oferecer era treinos, porque não me oferecia nada e eu falei “tá massa, o meu espaço eu

IMAGEM RAFAEL CORDEIRO PARA O
MMA AWARDS
GC: RAFAEL CORDEIRO TREINADOR
DE MMA
GC: IMAGENS MMA AWARDS

conquisto na porrada mesmo” porque eu sabia qual era o sistema, porque eu tinha lutado com a galera daqui e tinha desafiado o Wanderlei na época, queria lutar com ele, e aí a galera queria a minha cabeça não dava para dizer mais nada tinha que sair na porrada com todo mundo todo dia, todo dia, todo dia e que se foda todo dia eu voltava e todo dia e estamos aí até hoje.

VT 1: Rafael Cordeiro

Essas pessoas não conhecem um verdadeiro centro de treinamento, acho que isso aqui é uma coisa que foi idealizada 20 anos atrás na nossa humildade, um dia ter isso daqui acho que foi uma coisa idealizada para que para a gente poder passar por um mundo aquele conhecimento que foi dado dentro do ringue, dentro de uma boa academia, dentro de boas pessoas do lado e com muita porrada, porque frouxo não se criou naquele sistema, quem se criou esse sistema frouxo não é. O que a gente vai ensinar para essas pessoas o que se precisa ter para ter um sucesso na vida, que não seja o sucesso dentro do ringue, sucesso fora.

OFF 11: Evangelista “Cyborg” Santos
Foi bastante difícil e principalmente no

<p>GC: CRISTIANO MARCELO EX-LUTADOR DE MMA</p> <p>FOTO CRISTIANO MARCELO E RICKSON GRACIE</p> <p>IMAGENS DA ESTREIA DE CRISTIANO MARCELO E ANDERSON SILVA EM SUAS ESTREIAS NO VALE-TUDO</p>	<p>local aonde você não é muito bem vindo inicialmente então as pessoas faziam duro para você, mas meu só me fortaleceu, só me deixou mais forte ainda</p> <p>OFF 12: Cristiano Marcelo</p> <p>Fui várias vezes campeão, duas vezes pódio de mundiais, várias vezes campeão estadual do Rio de Janeiro, campeão internacional, campeão californiano onde já tive oportunidade de morar com Rickson Gracie por quase três anos na califórnia e daí foi a minha história no jiu-jitsu, quando em 1997 eu recebi um convite para estreiar na época em um vale tudo praticamente sem regras só não valia puxar o cabelo, golpes nas genitálias, fiz duelos na mesma noite no qual meu primo Fabrício Morango lutou também, o Anderson Silva estreou, o Cyborg lutou no mesmo dia também o Evangelista Cyborg.</p> <p>Onde eu me sagrei duas lutas, na primeira luta foi em 3 minutos e alguma coisa e a segunda luta foi 37 minutos foi mais uma guerra psicológica pela demora do que próprio em si uma luta teve agressividade por sem luva, por valer cabeçada o desfecho até foi pênalti pela coisa de pisão, mas aquele lance de lutas de estilos não era como vale tudo o MMA moderno hoje em dia.</p>
---	---

FOTO DE JORGE “JÓINHA”
GUIMARÃES NO PASSANDO A
GUARDA

FOTO CRISTIANO MARCELO E
WANDERLEI SILVA

OFF 13: Cristiano Marcelo

Em 2000 eu cheguei aqui na Chute-Boxe, na época eu fazia entrevistas para o programa passando a guarda e o joinha era da minha academia Gracie Humaitá e eu falei com ele que eu queria voltar a lutar e ele falou “não você quer?” falei “pô quero, mas eu quero ir lá pro aprender muay thai, eu quero ir lá pro sul ” isso um pouco antes do estouro da Chute-Boxe, e vim para curitiba aonde comecei a aprender o muay thay e logo depois da minha estreia o Rudimar Fedrigo chegou e falou assim: “agora eu quero que você assuma essa postura de técnico da academia, eu tinha 23, 24 anos e eu de prontidão falei “não, beleza”, aí que eu dei um tempo, mudei meu foco, meu foco foi para eu ser técnico da academia e em segundo plano lutador. Por daí que veio o convite para que eu comandasse aquele exército ali de campeões.

OFF 13: Cristiano Marcelo

Consegui implantar dentro porque na época com a rivalidade ninguém queria mostrar o jiu-jitsu para ele porque viam como rivais então eu na verdade além de da Chute-Boxe selvagem na época,

<p>FOTO CRISTIANO MARCELO E WANDERLEI SILVA GC: CREONTE= TRAIADOR DE ACADEMIAS</p>	<p>eu fui o boi de piranha, amaciei a carne para os demais virem. Eu na verdade fui o primeiro “creonte” que o pessoal falava na época.</p> <p>OFF 14: Cristiano Marcelo</p> <p>No MMA moderno eu acredito que eu fui o incentivador da galera do jiu-jitsu e para o muay thai, procurar o muay thai, e fui muito criticado na época, mas acredito que hoje em dia se deu no que se deu o “start” foi esse.</p>
<p>FOTOS DA EQUIPE CHUTE-BOXE NA ÉPOCA</p>	<p>Cara era uma época que era o seguinte, tinha Anderson Silva no tatame, “Pelé” Landy, Assuério Silva , Fábio Piamonte, Rafael Cordeiro então na verdade era os vale tudo diários ali, então era uma sobrevivência todo dia era eu ter que mostrar excelência do jiu-jitsu, a eficiência do jiu-jitsu tendo 74 quilos e era faixa preta de uma academia Gracie, vindo do Rio de Janeiro, então “porra mermão”, não sei como eles me viam, mas a aposta que se tinha dentro da academia era que em duas semanas era para eu pedir para ir embora e na verdade fiquei oito anos ali dentro, tiveram que me aturar, me batiam em cima pegava em baixo então “mermão” assim foi provado a eficiência do jiu-jitsu.</p>
<p>IMAGENS DE LUTAS E ENTRADA DE</p>	

WANDERLEI SILVA NO PRIDE

GC: IMAGENS PRIDE FC

IMAGENS PRIDE 22, LUTA ENTRE
WANDERLEI SILVA E MIRKO CRO-
COP

OFF 15: Cristiano Marcelo

O PRIDE 22, meu primeiro PRIDE na verdade, eu como córner, indo junto com a delegação da Chute-Boxe, foi quando o Wanderlei lutou com o Mirko Cro-Cop a primeira vez e daí em diante era uma viagem mensal praticamente depois com a criação do Bushido.

OFF 16: Cristiano Marcelo

Essa época nossa de anteceder PRIDE, o PRIDE era só um evento no Japão, não era uma coisa que todo mundo achasse que fosse tornar o que se tornou entendeu, era uma coisa muito nova. Acho foi meio que sem pretensão e foi se tornar o que se tornou. Devido ao japonês ser muito aficionado no que ele gosta. Eu lembro que a gente não conseguia descer no saguão do hotel que tinha que ter segurança pra andar na rua, tinha que botar cachecol na cara para conseguir andar com tranquilidade era uma coisa meio surreal mesmo.

OFF 17: Cristiano Marcelo

Eventos de 80 mil pessoas, 100 mil pessoas, cento e poucas mil pessoas.

GC: REPORTAGEM FANTÁSTICO
IMAGENS DA REPORTAGEM EXIBIDA
NO FANTÁSTICO EM 2003,
RESPONSÁVEL PELA
POPULARIZAÇÃO DO PRIDE NO
BRASIL

Hoje se fala no UFC 50 mil pessoas, mas no Japão era exorbitante, se falando em Ásia assim né. Ginásios pra 150 mil pessoas, ginásio de futebol.

VT 2: Glória Maria

Brasileiros, jovens, ricos, famosos. Como? Você nunca viu esses rostos? Calma, não precisa achar que é mal informado. Eles são celebridades sim, só que muito longe daqui, do outro lado do mundo, no Japão.

Nós acompanhamos lutadores brasileiros que participaram do PRIDE, a mais importante competição de lutas que reúne várias artes marciais. Rodrigo Nogueira, 27 anos, o Minotauro, campeão dos pesos-pesados e Wanderlei Silva, 26 anos, campeão dos pesos-médios, conhecido como o "Demolidor".

Entre várias modalidades de luta, Wanderlei Silva treina boxe, jiu-jitsu, mas ele é faixa preta em muay thai, o boxe tailandês. Rodrigo Minotauro treina 5, 6 horas todo dia, os japoneses o consideram um samurai.

O Wanderlei Silva e o Minotauro são tão populares aqui no Japão que tem até videogame dos dois.

É sensacional, o boneco se parece comigo, a aparência física, inclusive até as cicatrizes que eu tenho ele tem.

	<p>Adoro fliperama, jogando comigo mesmo.</p> <p>É um espetáculo inesquecível, luzes, tecnologia moderníssima, música. Os lutadores parecem astros de rock.</p> <p>Pride em inglês significa orgulho. Na penúltima luta da noite, Rodrigo Minotauro resgata o orgulho dos brasileiros. Numa luta difícil ele vence o croata Mirko Cro-Cop e fica com o cinturão dos pesos-pesados.</p> <p>Para conquistar o título de campeão dos pesos-médios o curitibano Wanderlei Silva luta duas vezes. Primeiro ele vence por pontos o japonês Idehiko Yoshida, campeão olímpico de judô. E a grande final, Wanderlei Silva enfrenta o americano Quinton Jackson e aí a gente entende porque ele é chamado de Mike Tyson do Vale-Tudo.</p> <p>Os brasileiros conquistaram o Japão, viraram ídolos e estão ficando milionários. Só esta noite, Rodrigo Minotauro e Wanderlei Silva faturaram cada um, cerca de 500 mil dólares, cerca de um milhão e meio de reais.</p> <p>Para estes samurais modernos, lutar realmente vale a pena.</p> <p>OFF 18: Cristiano Marcelo</p> <p>De igualdade, pra você ter uma ideia, a gente ia numa boate, uma vez tava o Backstreet Boys no mesmo camarote,</p>
--	--

IMAGENS BASTIDORES PRIDE COM
A ACADEMIA CHUTE-BOXE

IMAGENS DE LUTAS DO PRIDE, COM
WANDERLEI SILVA

GC: RUDIMAR FEDRIGO. CRIADOR
DA ACADEMIA CHUTE-BOXE

então o grau de intensidade e de reconhecimento no Japão era absurdo.

OFF 19: Cristiano Marcelo

O PRIDE o lutador era a coisa mais importante, acho que no UFC a coisa mais importante é o business. Não que eles não tratem bem os lutadores No PRIDE a academia era uma instituição que era muito vendida também, o time né. O lutador em si daquele time e hoje em dia não né. Hoje em dia o lutador ali você não fala da academia. Não sei se não é a questão de não deixar se pegar força pra ter igualdade com o evento, não sei o que é, mas acho que a diferença é isso mesmo.

OFF 20: Rudimar Fedrigo

Foi uma época sensacional, era o maior evento do mundo na atualidade e a Chute-Boxe ficou ali por mais de 10 anos, ou com um título, ou em determinado momento apresentando novos atletas, novas estrelas pro mundo da arte marcial. A nossa academia sempre foi uma academia muito competitiva, ficou famosa nas competições e até hoje.

OFF 21: Rudimar Fedrigo

Todos que foram apresentados honraram muito bem a academia, não

IMAGES DE NUBUYUKI SAKAKIBARA
NA CHUTE-BOXE

tem o que falar, são muitos atletas e é difícil até de citar algum, porque você acaba deixando de fora alguém “né”. Os que conseguiram o cinturão e o título foram o Wanderlei e o Shogun, mas ali todos os atletas que eu levei honraram bem a escola, a academia. Tanto na vitória quanto na derrota.

Muito orgulhoso também por esses lutadores, que são ídolos das artes marciais, levando o nome, não só no uniforme, tem uns que tatuam no próprio corpo o símbolo da academia e eu sinceramente não imaginava. As coisas foram acontecendo e eu tenho muito orgulho, muita satisfação de ter sido o fundador desta academia.

OFF 22: Cristiano Marcelo

Eu lembro até hoje que eu comentei com o Mestre Rudimar, o último PRIDE, o Wanderlei acabou não lutando, no último PRIDE no Japão e depois teve mais um se eu não engano em Las Vegas. Eu falei pra ele, me deu um isight e eu falei "última vez que a gente tá vindo aqui pro PRIDE". Ele "para de falar besteira bicho", ainda me deu uma “catucada”. Me deu um feeling e eu senti isso. Daí ali foi o último evento no Japão.

Foi uma coisa muito triste né cara, você vê uma coisa daquela magnitude,

IMAGENS DA PROPAGANDA DO
ÚLTIMO PRIDE

GC: MÁRCIO VALLE JORNALISTA

IMAGENS UFC 126 ANDERSON SILVA
VS. VITOR BELFORT

IMAGENS ABERTURA DO THE
ULTIMATE FIGHTER BRASIL

ninguém acreditou. Uma fala do Sakakibara, em Las Vegas, me chocou muito, foi muito forte o que ele falou e logo depois aconteceu o que aconteceu e eu percebi que no meio não se pode acreditar em tudo que se fala. O repórter perguntou se ele ia vender o PRIDE e ele respondeu de prontidão "você tem filho", o repórter respondeu "você venderia um filho seu?". Aquilo eu achei muito profundo o que ele falou e duas semanas depois ele me vende a porra do PRIDE. Aí você vê o negócio, mas faz parte, é business é negócio e assim foi.

OFF 22: Márcio Valle

Em relação à mídia acho que o UFC deu muita ajuda para o esporte. Eu acho que de 2011 pra cá, depois daquela luta do Anderson com o Vitor, que foi a luta do século, a partir dali que a Globo entrou. Tanto o TUF quanto o UFC, depois que veio pro Brasil, os bares da cidade começaram a transmitir, então antigamente era só futebol que os bares transmitiam, hoje em dia você vai sábado à noite num barzinho tá lá UFC, a galera assistindo, comentando. Acho que o TUF humanizou.

<p>GC: IMAGENS THE ULTIMATE FIGHTER BRASIL</p> <p>IMAGENS THE ULTIMATE FIGHTER BRASIL, APRESENTAÇÃO DE GALVÃO BUENO</p>	<p>VT 3: The Ultimate Fighter Brasil</p> <p>Desde 2005 o UFC promove lá nos Estados Unidos, um show chamado TUF, The Ultimate Fighter, que numa tradução simples seria o lutador supremo, completo. Lá eles já estão na décima quinta edição, e aqui no Brasil o programa vai chamar "The Ultimate Fighter: Em busca de campeões".</p>
<p>IMAGENS PROPAGANDA RENAULT DUSTER</p> <p>IMAGENS PROPAGANDA VIVO SELEÇÃO BRASILEIRA</p>	<p>OFF 23: Wagner Galeto</p> <p>Eu tive uma oportunidade de fazer uma propaganda da TNT, aquela do Love Hurts, que a galera tá saindo na porrada.</p>
<p>IMAGENS PROPAGANDA TNT ENERGY DRINK</p>	<p>OFF 24: Wagner Galeto</p> <p>O primeiro TUF foi assim, todo mundo queria participar do primeiro TUF, então tinha duas categorias do TUF no Brasil, a 66 e a 77. Então o que acontece, todo mundo que era da 61 e 70 se inscreveu</p>
<p>GC: WAGNER GALETO</p> <p>GC: PESO-PENA ATÉ 66KGS PESO MEIO-MÉDIO ATÉ 77 KGS</p>	

pra lutar na 66. E todo mundo que era 84, 70 e 94 se inscreveu pra lutar de 77 e foram tentar, então inchou, todo mundo queria participar.

OFF 25: Wagner Galetto

Antes do TUF, por exemplo, meu sonho sempre foi viver da luta né. Eu tinha muita cobrança em casa também, dos familiares da minha esposa. Como que vai sustentar a família sendo lutador, não tem sentido isso né. Mas eu fui meio maluco e acreditei né. E outra coisa, pra você ver como mudou as coisas, antes dessa popularização as pessoas olhavam você com a orelha meio assim, arrebitada e tal, com visual de lutador já pré julgavam você como se fosse um arruaceiro, um brigador de rua e daí depois disso, quando uma pessoa vê o cara com uma orelha estourada, com uma fisionomia de lutador ele já tem outra visão. Pô, esse cara é bem sucedido, esse cara é lutador de jiu-jitsu, esse cara é lutador do UFC, então a visão mudou totalmente por causa dessa popularização.

O que acontece, muita gente pode falar o que for, mas o primeiro "TUF" mudou a forma de pensar das pessoas referente ao MMA.

CG: IMAGENS THE ULTIMATE
FIGHTER BRASIL

IMAGENS DA LUTA WAGNER
GALETO NO THE ULTIMATE FIGHTER
BRASIL

IMAGENS PROPAGANDA UFC 198 EM
CURITIBA
IMAGENS DA PESAGEM DO UFC 198
IMAGENS DA ARENA DA BAIXADA NO
DIA DO EVENTO

VT 4: Wagner Galeto

Eu venho de Curitiba, do estado do Paraná. Tudo o que eu faço na minha vida é pensando nas minhas filhas, na minha esposa, no meu irmão, que sempre ralou comigo, meu mestre; na minha mãe, que sofreu pra caramba com a gente. Tô tendo a oportunidade de aparecer num programa, aparecer numa competição mostrando esse lado do lutador, que não é só aquele cara que a maioria do pessoal vê que só é o brigador, o cara que é temido. Também vê esse lado da família, que o que deixa um cara forte é a família. Porque ser campeão é apenas uma parte da história da vida.

OFF 26: Márcio Valle

Eu acho que desde que o UFC voltou para o Brasil, em 2011, aquele evento que teve lá no Rio, que Curitiba merecia ter, o público de Curitiba merecia ter essa chance de ver um UFC de perto.

Aí faz tempo que fica nisso, que Curitiba não tem um ginásio, um local adequado, eu já fui para outros eventos do UFC no Brasil, como Goiânia, Fortaleza, o

IMAGENS DE MAURÍCIO SHOGUN
RUA NO UFC 198

IMAGENS RONDA ROUSEY

próprio ginásio do Ibirapuera, são ginásios velhos, o Beira-Rio lá em Porto Alegre, são ginásios velhos que não tem estrutura nenhuma, mas Curitiba não tem nem isso. Os únicos ginásios que tem aqui é o Círculo, que é pequeno e o Tarumã que não tem logística que o UFC precisa né. Então quando o Atlético fechou o estádio aí eu vi e pensei "nossa, agora o UFC vem". E eles fizeram realmente um evento para 45 mil pessoas.

Eu acho que pros atletas assim, pro dia a dia do MMA não mudou tanto. Eu acho que mais pro público, sentir aquela vibe e sentir como é o UFC. Acho que mais pro público favoreceu bastante a vinda do UFC pra cá.

OFF 27: Márcio Vale

Um fã abordou o Dana White uma vez, saindo do carro e perguntou assim "e aí quando vai ter MMA feminino no UFC?" aí ele olhou pra ele e falou assim: "Nunca".

Aí passou dois, três anos e ele colocou a Ronda lá e só subiu né. As mulheres estão cada vez mais se identificando

IMAGENS DE CRIS "CYBORG"
JUSTINO NO UFC198

com o esporte, estão treinando, querem lutar. Curitiba tem várias meninas aí, a Cris Cyborg, que é a maior e melhor do mundo.

OFF 28: Ariane Lipski

A minha maior inspiração é a Cris Cyborg que é daqui de Curitiba.

OFF 29: Márcio Valle

Em qualquer esporte ou qualquer entretenimento novo, que o MMA é um entretenimento e é muito novo se você for parar pra pensar. Vai despertar a curiosidade e também o interesse financeiro de outras pessoas. Olha quanto atleta tem, quanta gente, se o UFC lotou com 45 mil pessoas, por que eu não posso arriscar tentar fazer um evento novo, trazer um evento novo pra cá.

Tanto que depois que o UFC veio pra cá veio o BRAVE, veio o WGP, o próprio Imortal, que é um evento que passa ao vivo na TV.

OFF 30: Lucas Carrano

Por que o BRAVE escolheu Curitiba pra

IMAGENS TREINOS ABERTOS DO
BRAVE 3 E BRAVE 8

vir pro Brasil? Bom, na verdade vir para o Brasil sempre foi uma prioridade pro BRAVE, desde os primeiros dias, eu tô no evento desde quando ele foi fundado e a gente sempre falou de vir para o Brasil. Até foi uma coincidência, eles não me contrataram por causa disso, era uma prioridade. Vindo para o Brasil, Curitiba era acho que um no-brainer. Aconteceu uma situação que era a seguinte: o pessoal viu que durante muito tempo Curitiba foi negligenciada pela concorrência, eu posso falar, foi pelo UFC e foi uma das últimas cidades grandes do Brasil a receber e é uma cidade que tem muita história com o MMA.

A gente “tá” vendo o tanto que Curitiba tá abraçando o evento hoje, tá abraçando. O motivo é esse assim cara, a história do MMA passa por Curitiba, não dá pra fugir daqui. Se você fala de Wanderlei Silva, se for falar de PRIDE tem Curitiba, se você falar de UFC tem Curitiba e se você falar de BRAVE agora também tem Curitiba, então assim, a história tá toda aqui e era um no-brainer pra gente acabar trazendo o evento pra cá.

OFF 31: Márcio Valle

Curitiba sempre foi conhecida como a capital do MMA né, a Tailândia

GC: IMAGENS ESPORTE INTERATIVO
IMAGENS ARIANE LIPSKI NO
IMORTAL FC

IMAGENS ARIANE LIPSKI NO KSW

brasileira, capital do Muay Thai, tanto por causa das lendas né, Shogun, Anderson, Cris Cyborg. Falando de atualmente o próprio Dida que montou a academia aqui. Cristiano Marcello na CM System que traz muita gente de fora pra treinar aqui que é o berço né. Aqui em Curitiba, sem brincadeira, acho que deve ter mais de 70 equipes. A própria Ariane, que foi campeã do KSW na Polônia.

OFF 32: Ariane Lipski

A partir do momento que eu comecei a treinar com o meu atual treinador eu tinha um nível técnico muito abaixo então em muito pouco tempo ele conseguiu fazer um trabalho muito legal comigo e todo mundo que me acompanha desde o começo, fica "de cara" em como tão pouco tempo eu cheguei onde que eu cheguei. Às vezes eu par pra pensar onde que eu tô e eu me sinto muito feliz. A minha última luta agora foi na Irlanda, não foi para um público tão grande assim, acho que foi 10 mil pessoas, mas o anterior onde eu conquistei o cinturão foi pra 58 mil

IMAGENS CLIPE OFICIAL DA MÚSICA
“AINDA BEM” DE MARISA MONTE,
COM ANDERSON SILVA.

peçoas e a emoção assim não tem o que falar. Fico muito realizada assim, pela oportunidade que eu tive de lutar para tantas peçoas, mas na hora que eu entro na luta é foco total entre eu e minha adversária e eu acabo isolando um pouco.

Nesse evento que eu tô eu sou a campeã e eles gostam muito de mim, eu sou bem conhecida na Polônia e eu gosto muito de lutar lá. O show que eles fazem é muito legal mesmo, mas o UFC é onde tá contratando todas as meninas, então eu não sei dizer o que vai ser ainda. Eu gosto muito de lutar no KSW, no momento eu quero terminar as minhas duas lutas como campeã e depois disso vamos ver as portas, as oportunidades que aparecem, mas o meu sonho é me tornar a número 1, a melhor de todas da minha categoria.

OFF 33: Márcio Vale

Porque a gente que vai no UFC como jornalista, a gente já sente uma coisa diferente né, de estar lá de estar presenciando. É um evento totalmente diferente, eu sempre recomendo para as peçoas, se um dia você tiver a oportunidade de ver um UFC, vai que

IMAGENS CLIPE OFICIAL DA MÚSICA
“AINDA BEM” DE MARISA MONTE,
COM ANDERSON SILVA.

SOBE SOM
CRÉDITOS

vai valer a pena que é uma coisa de
outro mundo mesmo.

5. Considerações Finais

Este projeto serviu de base para a produção do documentário “Curitiba: A Capital da Luta”, que conta a história do Mixed Martial Arts (MMA) a partir dos lutadores de Curitiba. Inicialmente o objetivo era tentar elaborar teses para explicar o grande número de lutadores que começam suas carreiras na cidade, para depois mostrar o impacto que eles tiveram na transformação do esporte em pouco mais de 20 anos da modalidade. Com o desenvolvimento do trabalho pude perceber alguns fatores que fizeram o roteiro se modificar, como o fato dos nomes mais famosos não morarem mais na cidade ou o difícil acesso para com algumas academias em específico. Logo o documentário se modificou para contar a história do MMA e não mais buscar explicações para o número de atletas, com isso percebi que consegui chegar em algumas hipóteses e em informações que ajudaram no desenvolvimento do roteiro.

Somente um gênio da narrativa documental, como Eduardo Coutinho, pode declarar que não existe a necessidade de se construir um roteiro para documentários. Ao longo do processo criativo percebi que a delimitação de temas e entrevistas auxiliou no recorte final e no melhor aproveitamento de cada fonte. Ao entrevistar as últimas duas fontes já tinha em mãos a estrutura finalizada do filme e com isso pude explorar mais o improviso e a espontaneidade de uma das fontes, isso possibilitou mais liberdade na hora de usá-la em vários momentos do documentário, bem como gerou grandes frases de impacto, pela informalidade do diálogo.

Dentre as dificuldades, pude perceber que por ser um esporte relativamente novo, o MMA ainda possui pouca bibliografia de referência, mas além disso há também um grande vácuo na pesquisa sobre os lutadores que surgiram em Curitiba. A academia Chute-Boxe, considerada uma das mais importantes do mundo, ainda não possui uma produção bibliográfica que possa dar base a quem gostaria de conhecer mais sobre a história da academia. Outro aspecto é o desenvolvimento da modalidade, que faz com que atletas e treinadores deixem o Brasil para terem mais recursos fora. Isso impossibilita o contato com todos os atletas que surgiram em Curitiba.

Entre os detalhes de produção pude notar uma grande parceria por parte dos atletas com relação à divulgação do esporte. Na maioria dos casos as fontes sempre destacaram a importância de produções midiáticas na relevância e no crescimento do MMA.

Baseado nesse pressuposto, a Rede Globo teve papel primordial na aceitação do esporte no Brasil. Além das transmissões e da produção do reality show "The Ultimate Fighter", a emissora também foi importante no início da divulgação, com uma matéria sobre o PRIDE exibida no Fantástico. Há também o Canal Combate, rede por assinatura do grupo Globosat especializada em lutas.

Aliado ao fator de novidade, o MMA surge em uma época onde a mídia já possui um alcance global, diferente de outras modalidades, esta já foi pensada como produto midiático, diretamente para a TV e mais tarde para os pacotes de pay-per-view. Logo, o MMA é intrínseco à mídia, o que explica a rápida expansão da modalidade a nível mundial. Isso trouxe consequências ruins no começo da divulgação, seja pela agressividade do esporte ou pelos casos de violência em que lutadores se envolviam, mas com o passar do tempo, implementação de regras e o investimento da mídia o MMA se tornou um produto de grande alcance no Brasil atingindo níveis de audiência. Durante as transmissões do UFC a Rede Globo atinge a média de 11 pontos de audiência, mesmo número do programa "É de Casa", exibido na manhã de sábado.

Ao concluir as entrevistas e decupar o material, pude perceber que é quase impossível dissociar a evolução do MMA com Curitiba, seja pela realização de inúmeros eventos que passaram pela cidade ou pelas academias que revelaram pelo menos 18 campeões mundiais.

Ao final o recorte proposto se mostrou forte durante as primeiras exibições e leve mesmo para públicos que não gostam de luta ou não se interessam pelo MMA.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. **¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte?** Nueva Sociedad, Buenos Aires, n. 154, p.77-86, mar. 1998.

AWI, Felipe. **Filho Teu Não Foge à Luta.** Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2012.

BARBANTI, Valdir. **REVISTA BRASILEIRA DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE. O QUE É ESPORTE?** Escola de Educação Física e Esporte da USP. São Paulo. p. 55. 2006

BICKEL, Éderson Alexandro. DOS SANTOS, Geraldine Alves. MARQUES, Marcio Geller. **Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais; Deporte y sociedad: La construcción de valores em la práctica deportiva en proyectos sociales.** EFDeportes.com, *Revista Digital* · Año 17 · Nº 171 | Buenos Aires, Agosto de 2012.

BOUET, Michel. **Signification du sport.** Paris: Editions Universitaires, 1968.

BOURDIEAU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220

Clube de Regatas do Flamengo - A Fundação

<<http://www.flamengo.com.br/site/conteudo/detalhe/13>> Acesso em: 20/04/2017

BRUEL, Maria Rita. Função social do esporte. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 2, p. 108-111, jan. 1989. ISSN 2175-8042. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19978/18382>>.

Acesso em: 16 out. 2017.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo 4. Ed., 2ª edição.** São Paulo: Contexto. 2014

CORBIN, Alain (org.) **História dos tempos livres.** Lisboa: Teorema, 2001^a.p.63.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário.** Rio de Janeiro. Azougue, 2004

DUARTE, Orlando. **A Origem dos Esportes.** Editora Senac São Paulo, p.13, 2003.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion.** Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

Estudo mostra que UFC Curitiba foi mais vantajoso que Rock in Rio<<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/lutas/estudo-mostra-que-ufc-curitiba->

[foi-mais-vantajoso-que-rock-in-rio-0t51m7a4o2luds8xx5xpr2glg](http://www.botafo.com.br/foi-mais-vantajoso-que-rock-in-rio-0t51m7a4o2luds8xx5xpr2glg)> Acesso em: 08/05/2017

História – Botafogo de Futebol e Regatas

<<http://www.botafo.com.br/historia.php?cat=oclube>> Acesso em: 20/04/2017

Jogos Eternos - Argentina 2x1 Inglaterra 1986 - Imortais do Futebol. Disponível em: <<https://www.imortaisdofutebol.com/2013/12/03/jogos-eternos-argentina-2x1-inglaterra-1986/>> Acesso em: 21/04/2017

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial (org.)**. Campinas, SP: Papyrus, 2006

MAURER DE BARROS, Gabriel; MUGGIATI, Luiz. **Celeiro do MMA, O**. Curitiba. Universidade Tuiuti do Paraná, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. 1997

MELO, Cristina Teixeira de; GOMES, Isaltina; MORAIS, Wilma, **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. XXIV Intercom. Campo Grande, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3 ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

Regras Unificadas de Conduta do MMA. Acesso em: 25/05/2017.

Disponível em: <<http://mmabrasil.com.br/saiba-mais/regras-unificadas-de-conduta-do-mma>>

RONDINELLI, Paula. **"Você sabe o que é esporte?"**; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/voce-sabe-que-esporte.htm>>. Acesso em 10 de abril de 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Volume I: porque as notícias são como são**. Florianópolis. Insular. 2004.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

UFC bateu recorde de vendas no pay-per-view em 2016 Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/mma/post/ufc-bateu-recorde-de-vendas-no-pay-view-em-2016.html?>>Acesso em: 10/05/2017

UFC Brasil explode audiência da Globo e Campeonato Brasileiro não empolga na TV aberta

Disponível em: <<http://cabinecultural.com/2016/05/17/ufc-brasil-explode-audiencia-da-globo-e-campeonato-brasileiro-nao-empolga-na-tv-aberta/>> Acesso em: 11/05/2017.